

5ª Parte

Transcrições

O parnasianismo no Brasil*

Fernando Py**

O Parnasianismo foi um movimento literário de inegável importância na história literária do Ocidente, a partir sobretudo da França, em meados do século XIX. Surgiu como reação ao excessos subjetivistas do Romantismo e deveu seu nome a uma coletânea intitulada *Le Parnasse Contemporain* (1866). Os poetas que a integravam propunham uma poesia realista, descritiva, isenta de intimismo, buscando principalmente a perfeição formal que o Romantismo negligenciara.

Foi grande a repercussão do movimento no Brasil. Mas, apesar de tudo, quase nunca os poetas brasileiros respeitavam uma das normas do parnasianismo francês: o realismo objetivo, a descrição isenta de emoções pessoais. Em seu ensaio *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* (Fortaleza: Editora da UFC/Sobral: Edições UVA, 2004, 376p.), o professor Sânzio de Azevedo, seguindo a lição anterior de Péricles Eugênio da Silva Ramos,¹ ressalta o fato de que o movimento no Brasil não só não se fez tributário servil do parnasianismo francês, como teve precursores em três correntes preparatórias: a poesia filosófico-científica; a poesia realista; e a poesia socialista. Os poetas do primeiro grupo buscavam praticar uma poesia que demonstrasse que conheciam, nas palavras de Péricles Eugênio da Silva Ramos “os grandes princípios da filosofia geral e o espírito renovador da ciência no século XIX”,² sem no entanto fazer uma poesia didática.

Sânzio de Azevedo comenta dois desses poetas: Teixeira de Sousa, hoje inteiramente esquecido, e Martins Júnior.

A corrente da poesia realista foi certamente a que maior influência exerceu sobre o parnasianismo brasileiro. Basicamente lutava contra a idealização romântica, e cultivava pormenores realistas nas descrições. Sânzio de Azevedo estuda os dois principais membros dessa corrente: Teófilo Dias (em geral arrolado entre os parnasianos, como iniciador da escola) e Carvalho Júnior. Por seu turno, a poesia socialista em geral atacava a monarquia e a igreja, defendia o sufrágio universal, pregava a república, o comunismo, a paz, a igualdade so-

* *Poésis*, Saquarema, RJ, n. 109, abr. 2005. Resenha, p. 13.

** FERNANDO PY – poeta, crítico literário, membro da Academia Petropolitana de Letras e do conselho editorial de *Poésis*.

cial e o amor total; os poetas deste grupo acreditavam no primado do direito e no progresso. Deles, Sânzio de Azevedo estuda dois membros: Fontoura Xavier, em geral classificado como parnasiano ou precursor do Simbolismo, e Lúcio de Mendonça, hoje pouco lembrado, e tido às vezes como poeta realista.

Contudo, é tempo de assinalar que o livro de Sânzio de Azevedo não constitui propriamente um volume de história. Sua estrutura sugere antes um trabalho de visão geral do parnasianismo e dos poetas parnasianos no Brasil. Sob este aspecto, assemelha-se ao *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, de Andrade Muricy (Brasília: Conselho Federal de Cultura / INL, 2ª edição, 1973, 2 vols.). Isto não é desdouro, pois, ao contrário, tal organização permite ao autor demorar-se mais sobre os poetas visados, realçando sua importância e características. Desse modo, Sânzio de Azevedo relaciona e estuda os parnasianos, em geral, pelos Estados, e oferece ao leitor um verdadeiro panorama do movimento brasileiro, muito afim do panorama traçado por Andrade Muricy.

Pois na verdade, além de nem sempre respeitarem com rigor os postulados do parnasianismo francês, nossos parnasianos por vezes – muito mais do que se poderia esperar – fizeram poemas tipicamente simbolistas. Não somente os chamados menores, mais também os maiores representantes da escola, como o autor não se furta a registrar.

Talvez o caso mais conhecido seja o do poema “Plenilúnio” de Raimundo Correia. Sânzio de Azevedo reconhece que “o clima do poema é de pleno subjetivismo”,³ e nele o poeta escreve: “Astro dos loucos, sol da demência, / Vaga, noctâmbula aparição!”⁴ – compondo, a meu ver, um de seus melhores poemas, e um clássico do simbolismo brasileiro. Da mesma forma, Bilac (em Alma inquieta e principalmente em *Tarde*) também paga tributo ao simbolismo, além de prestar homenagem póstuma a Cruz e Sousa (“Diamante negro”, de Alma inquieta) e apresentar um clima romântico irrecusável na Via Láctea e em diversos poemas, como as “Baladas românticas”, também de Alma inquieta. Já Alberto de Oliveira, com todos os versos parnasianos e seu “Vaso grego” de equivocada memória,⁵ denota aspectos essencialmente românticos na sua poesia, sobretudo no longo poema “Alma em flor”. Estaria, assim, em todos os sentidos, quebrada a impassibilidade e o realismo objetivo a todo custo, propostos pelo parnasianismo francês. Sânzio de Azevedo arrola exemplos destes e de muitos outros poetas no livro e, assim, vemos que o parnasianismo entre nós deixou-se impregnar bastante pelo simbolismo.

O mesmo ocorreu, todavia, na direção oposta. Poetas que consideramos expoentes do simbolismo, além de outros de origens parnasianas, não se liber-

taram de todo da escola que procuravam combater. O próprio Cruz e Sousa, se renovou a poesia brasileira no conteúdo, permaneceu preso ao parnasianismo na forma, e com ele muitos outros da sua geração e das gerações posteriores. Alias, o simbolismo no Brasil não chegou a se impor (Carpeaux chega a falar em fracasso da escola⁶) e a interpenetração de ambas as escolas é patente. Houve, no caso do parnasianismo, um fenômeno talvez tipicamente nosso: sobrevivendo muito além do esperado, o parnasianismo deu um subproduto a que chamamos neoparnasianismo, cujos principais expoentes prolongaram os tiques e defeitos dos grandes nomes da escola, provocando, desse modo, uma feroz rejeição do parnasianismo como um todo.⁷ Até hoje, como sabemos, o nosso parnasianismo se ressentia dessa rejeição dos modernistas, a ponto de a escola ainda ser “estigmatizada como a estética do mau-gosto” (p.9).

Portanto, é muito bem-vindo o trabalho do prof. Sânzio de Azevedo. O leitor só terá a ganhar com a leitura do livro, não apenas com o conhecimento que adquire, mas, principalmente, porque terá oportunidade de corrigir algumas idéias que vem alimentando através dos anos. Só assim poderá enxergar como foi criativo o nosso parnasianismo e de que maneira ele naturalmente se encaixa na evolução da nossa literatura.

Notas

1. “A renovação parnasiana na poesia”, in: Afrânio Coutinho (dir.): *A literatura no Brasil* (Rio de Janeiro: Sul-Americana, 3ª edição, vol. 3, p. 83).
2. Idem, *ibidem*.
3. Sânzio de Azevedo, *ob. cit.*, p. 70.
4. Raimundo Correia. *Poesias* (Rio de Janeiro: Livraria São José, 6ª edição, 1958, p. 98). Revisão do texto e notas por Waldir Ribeiro do Val.
5. Sânzio de Azevedo mostra que a obra de Alberto de Oliveira “não se pode resumir ao ‘Vaso grego’” (p.41). Tal atitude significaria, por certo, uma concepção redutora da poesia de Alberto e de todo o parnasianismo no Brasil.
6. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Letras & Artes, 3ª edição, 1964, p. 235.
7. Essa rejeição esta consubstanciada, principalmente, na série de artigos de Mário de Andrade intitulados “Mestres do passado”. reproduzidos integralmente no trabalho de Mário da Silva Brito: *História do Modernismo brasileiro – Antecedentes da Semana de Arte Moderna* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, revista, 1964, p. 252-309).